

ADMINISTRAÇÃO
Barjona de Freitas

Barcellos

TYPOGRAPHIA
Barjona de Freitas

Semanario regenerador. O periodico de maior circulaçao n'este concelho.

C. M. B.
BIBLIOTECA

Que farçada!!

Do conceituado correspondente de Lisboa para o «Jornal de Noticias», do Porto, são as palavras que se seguem, e vindas á luz da publicidade n'este diario portuense, d'hontem:

No dia seguinte á ter o «Jornal do Commercio» anunciado que soubera, por intermedio d'amigos do governo, que tudo correria pelo melhor, para a realisacão do convenio e do respectivo empréstimo, que já estavam no patamar da escada á espera que o governo portuguez lhes abrisse a porta, telegraphava para o «Times» o correspondente d'este jornal em Lisboa «que verificara pelas mais autorisadas fontes, portuguezas, francezas e allemães, não haver fundamento algum no que dissera o órgão do sr. Burnay».

A fonte portugueza mais auctorizada, em que o correspondente do «Times» bebera a sua informacão, não podia ser outra senão a fonte ministerial. Fora o governo quem lhe dissera ser balel tudo que escrevera o «Jornal do Commercio», informacão que condizia certamente com as que o «Times» obtivera em Londres, pois, se com estas se não conjugasse, aquelle jornal não teria publicado o telegramma do seu correspondente. E o governo que assim desmentia ao correspondente inglez que se tivesse adiantado um unico passo a respeito de convenio e empréstimo, fazia d'ahi a poucos dias, inserir no órgão officioso que «havia effectivamente as melhores noticias sobre as nossas negociações com os credores externos».

Certamente se lembram de que emprestando a informacão que o governo dera ao correspondente do «Times», para uso externo, com a informacão que dava ao publico, para uso interno, me ri de as melhores noticias, as não tomei a sério, e notei que apenas se tratava de chrisma e nada mais. Durante algum tempo, para as occasões solennes, appareciam nos jornaes do governo *noticias satisfactorias* das nossas negociações com os credores externos, mas como se tinha feito muita *reprise* da peça já esta estava cansada. Agora, vespera de abertura do parlamento que, á mingua de propostas de valor, seria talvez

necessario adiar, chrisstavam-se as *noticias satisfactorias* em *melhores noticias* para fingir que era outra peça, e pregava-se ao publico a peça de lie não dar nada de novo.

Assim era, e tanto que o órgão officioso do governo impunha silencio sobre o assumpto, que se não devia a brir bico porque podia ir tudo por agua abaixo, e que era até signal de patriotismo quando se ouvisse fallar em *melhores noticias*, metter uma rolha na bocca para não fallar, e algodão em rama nos ouvidos para não ouvir.

Alguns jornaes riram do caso, como todos nós aqui rimos, e fizeram troça ao governo, indicando-lhe que não se tinham illudido, e que acreditaram tanto nas *melhores noticias* como no regresso de D. Sebastião.

Foi n'este periodo de troça que appareceu outro telegramma no «Times» do seu correspondente em Lisboa a explicar uns pontos do seu telegramma anterior, mas confirmando o que dissera. Era uma perfeita ratificacão, mas o governo, ou quem o defendia, viu n'elle uma rectificacão e quiz deitar foguetes! Os foguetes, porem, não subiram, porque os gatos tinham-lhe feito partida.

Apparece agora o correspondente do «Diario de Noticias» em Paris com um trecho da sua ultima carta a participar-nos «que não tem fundamento algum os boatos aqui espulhados acêrca do convenio, que não tem havido alli nem reuniões nem conferencias, que o sr. Kergall não pensa vir a Lisboa, que o sr. Bayart muito menos, porque só cuida da enfermidade que está soffrendo, e que até o echo dos boatos que correram em Lisboa não é de molde a dispôr muito em nosso favor os portadores francezes, que nos tomam por pouco sérios.»

Este trecho da carta publicada pelo «Diario de Noticias», folha de grande circulaçao e que o governo não pode deixar de ler, foi transcripto por muitos outros jornaes. Pois até agora nem uma palavra no órgão governamental a tal respeito!

Com a informacão para Londres ainda tentou um subterfugio, mas com a de Paris embuchou de todo!

E' troça ou não é? Commentarios nem vale a pena fazel-os. A enumeracão dos episodios é sufficiente para a edificante historia.

Uma farçada completa!

O Exposto

Em noite escura, de horrores,
Abriu-se a porta maldita
Do albergue onde a desdita
Desampara os engeitados.
Um vulto fugia ao largo,
Enquanto um vagir amargo
Acordava a noite escura
Ao pé da porta maldita.

A creança foi recolhida
Na casa da caridade.
Passaram annos. Crescida
Mendigou pela cidade
A fome, o frio, o desdem.
Coitada! não tinha mãe
Que a voltasse a recolher
Na casa da caridade...

Oh! pobre infante engeitado,
Qual ha de ser o destino
D'un ente tão pequenino
N'este mundo maldadado?
Não tens ninguem! Não tens paes
Que escutem teus tristes ais!
Oh! pobre infante engeitado
Qual ha de ser teu destino?

Correram mezes velados
N'este soffrer tão profundo!
Teve fome! mas o mundo...
Escarnece os desgraçados.
Assim a pobre creança
Succumbiu á desesperança
De vêr dobrarem-se os mezes
N'este soffrer tão profundo!

Morreu. E a valla commum
Foi asylo a tanta dôr.
Nem um queixume, um lamento,
Nem um suspiro d'amor,
Nem as lagrimas d'un pae
Nem da mãe um terno ai!
A negra valla commum
Foi cofre de tanta dôr!

Por isso ao vêr as creanças
Na rua tão esfomeadas,
Tão tristes, tão esfarrapadas
Na sua pobre innocencia,
Eu peço sempre ao meu Deus
Que lá de cima dos céus,
Não deixe andar as creanças
Na rua tão esfomeadas.

N. FERRÃO

SOMNAMBULISMO

(do meu dilecto amigo Bezilido Junior)
DIVAGANDO...

Atufara-se nas orlas doiradas do poente o astro rutilante do dia. Os ultimos reflexos de oiro espelhavam-se no amplo oceano, sereno cor de anil, imprimido á natureza inteira uma sensaçao divina de bem estar e prazer. Gradualmente a luz de se desdobrar e o ven da noite, apagando o seu denso nevoeiro e a pallidez, symbolo do crepusculo arrebatador do amor e da poesia!

E' noite. A aboboda celeste, infinito doce azul fonceo onde tremeluzam e brilham as vividas estrellas, começara de empallidecer e illuminar-se com a plumbéa luz da lua cheia, amortecendo aos pequeninos pharoes o brilho das suas fulgurações!

Um infinito de amor, beijado por um infinito de jorros de luz prateada!

Sympathico silencio!... arrebatadora tranquillidade!

E' a natureza inteira cala nos labios a voz do trabalho, para n'uma contemplacão mystica ouvir o murmuro do infinito!

Como a imagem do immensamente bello nos faz recordar a face de Deus!

Como o silencio d'uma noite d'estas nos eleva ao throno do magestoso!...

Que harmonia, meu Deus, que encantos!...

Como tudo parece respirar amor e santidade desde o homem que pensa á abelha que fabrica!

E todavia, quantas lagrimas n'este momento orvalham os braços divinos d'uma cruz!... e apesar d'isso quantas blasphemias, quantos gritos de remorso, quantos brados de desespero e

dôr, quantos soluços não rebramem no concavo de miseros antros humano!

Oh cynicos escarneos! oh fulgida illusão!

Pois se a natureza é bella pura e divina, como pode haver n'ella, no seu seio, agasalhado com o seu calor, arrefecido com os seus gélos (ora vulcão de fogo, ora bloco de neve) um visionario, um louco, que chora e ri á maneira que a existencia lhe agrada ou desagrada?

Pois se o universo é um calix de chrystal, puro como a aurora, santo como o justo, como é que n'essa concha da Bohemia, se pode entornar o veneno subtil da desgraça e da miseria?

Que genio perverso, pode vir a horas mortas emvenenar a humanidade somnambula dando-lhe a beber o verde extramonio da dôr e do soffrimento?

Como?... se tudo é bom e santo desde a violeta que se esconde, ao bem-me-quer que nos sorri?

Mysterio insondavel, dédalo infinito!

E' sempre o mesmo mysterio constante desde o embalar do berço ao prantear do tumulo.

E' sempre a mesma incerteza cruel, horrivel anciedade, escuro caminho que nos faz vacillar a cada passo, embrenhando-nos nas mais loucas conjecturas.

E todavia a natureza é o espelho da lua, o doce riso da brisa, o reflexo do magestoso.....

Pois se a natureza é bella, pura e divina, como pode haver n'ella, no seu seio agasalhado com o seu calor, arrefecido com os seus gélos (ora vulcão de fogo, ora bloco de neve) um louco, que chora e ri á maneira que a existencia lhe agrada ou desgosta?

Ignoro-o; sei só que é uma verdade amarga; mas... perdão, quantas vezes se não leva aos labios uma taça de nectar divino que os escalda e empola? E é nas trevas da noite que mais vezes somos ludibriados!

Sim, durante a calada da noite, quantas miserias não despem o frak, quantos vicios desabotoam a batina, quantos brilhantes se metamorphoseiam em carvão, quantas pulseiras se arrochiam em grilheta!

E' que a humanidade no escuro da noite desativela a mascara da hypocrisia e mostra-se qual é—esqueleto descarnado, horrivel megéra!—

A noite envolta no seu negro manto agasalha muitos desgraçados, acalenta muitas crianças, embranquece muitos cabellos, tinge de sangue muitas mãos, enclunga muitas lagrimas, estanca muitos soluços! E' a luta medonha travada, entre a miseria humana que se estorce nos ultimos paroxismos da raiva e ao desespero, e o brilho faiscante do Universo que espesinha com o seu cothurno de airo a humanidade alquebrada e abatida.

E' a gargalhada alvar do cynico, ricocheteada no travesseiro do moribundo que em vão tacleia procurar no espaço a vida que lhe foge!!!...

Alvaro de Aguiar.

